



ENSINO DE GEOGRAFIA E O TRABALHO DE CAMPO

¹CIOCCARI, Carmen Candida; ²COSTA, Benhur Pinós da

O tema deste artigo está relacionado ao uso de instrumentos, metodologias e ferramentas de aprendizagem, nas práticas pedagógicas da disciplina de Geografia. A problemática desta pesquisa consiste em analisar criticamente, a fim de compreender, como são desenvolvidas as aulas de Geografia, no contexto do aprendizado da escola pública. Do problema derivaram as seguintes questões: Qual a importância do Trabalho de Campo para as aulas de Geografia? De acordo com os métodos indutivo e dedutivo, qual o papel do trabalho de campo na composição do conhecimento geográfico? A participação e interação dos alunos, num processo formativo contribuem para o desenvolvimento da construção do conhecimento nas aulas de Geografia? O objetivo geral deste artigo visa avaliar as diferentes perspectivas utilizadas na prática de pesquisa sobre o trabalho de campo como fundamento norteador da aprendizagem de Geografia no ensino fundamental. A metodologia a ser desenvolvida nesta pesquisa centra-se no trabalho de campo apresentado como fundamento norteador à aprendizagem geográfica na educação, uma vez que ela apresenta variáveis nas atividades de aprendizagem, contextualizada em ambientes não formais onde os alunos terão contato com objetos e situações reais, relacionadas com o cotidiano e ao mesmo tempo com a cientificidade do conteúdo de estudos propostos.

Palavras-chave: Trabalho de Campo; Geografia; Alunos/Educandos; Construção do Conhecimento.

GEOGRAPHY TEACH AND FIELD WORK

The theme of this article is related to the use of instruments, methodologies and tools for learning the pedagogical practices of the discipline of geography. The problematic of this research is to analyze critically, in order to understand it, how the geography lessons are developed, in the context of learning in the public school. The problem derived from the following questions: What is the importance of field work for geography lessons? According to the inductive and deductive methods, what is the role of the field work in the composition of geographic knowledge? Does the participation and interaction of students, in a formative process, contribute to the development of the knowledge construction in geography lessons? The overall objective of this article is to evaluate the different perspectives used in the practice of field work as a guiding foundation of learning geography in elementary school. The methodology to be developed in this research focuses on field work present as a background in geographic education, since it has variables in learning

¹ Licenciada em Estudos Sociais, FIC, 1986; Licenciada em Geografia, UFSM, 2009; Mestranda em Geografia, UFSM; Especializanda em Coordenação Escolar, UFRGS; Professora Efetiva da Rede Pública Estadual, RS. ccioccari.mail.ufsm.br@gmail.com

² Professor Doutor do Departamento de Geociências da UFSM. benpinos@gmail.com



activities, contextualized in environments that are not formal, where students will come in contact with objects and real situations, related to the daily life and, at the same time, with the scientificity of contents of proposed studies.

Keywords: Field Work; Geography; pupils/students; knowledge construction.

Introdução

A Geografia, bem como outras ciências, faz uso do trabalho de campo a fim de estudar a espacialização dos fatos humanos individuais e coletivos, que envolvem o uso dos recursos naturais e os aspectos econômicos, sociais e políticos de um território. O trabalho de campo pode ser definido pela observação de fatos e fenômenos concretos, que recorre à ideia de primeira e segunda natureza, assim como a coleta de dados referentes aos mesmos, que enfatiza a análise e a interpretação, tendo como base uma fundamentação teórica que leve a compreender e explicar o objeto de estudo. De acordo com o objeto de estudo, priorizam-se algumas técnicas, procurando sempre as que mais se adéquam ao objetivo da interpretação e compreensão. A coleta de dados pode ser feita através de questionários, entrevistas e anotações em geral ou até mesmo por amostras de materiais diversos.

Geralmente, as aulas de Geografia são ministradas de forma afastada dos aspectos referentes ao vivido. Se não houver uma interação, entre o objeto de estudo e o sujeito, a construção do conhecimento estará em risco, pois o aluno poderá não aprender o que lhe é proposto. Num trabalho de campo o professor fará mais que uma exposição de conteúdos: partirá de vivências e de experiências práticas, nas quais os fenômenos espaciais serão verificados *in loco*, tornando a aprendizagem construída perante a realidade, desconstruindo, assim, o processo de fixação do conteúdo por meio da memorização e de leituras desconectadas de seus cotidianos.

A problemática da pesquisa: questões norteadoras e objetivos.

Para (re)significar o conhecimento prévio em relação ao ato de ensinar, podemos encarar como um grande desafio o debate de temas relacionados com a prática docente. Neste momento, passamos a repensar a importância da realidade e, por conseguinte, a prática do cotidiano do aluno.



No trabalho de campo, que sempre visa o “além do muro da escola”, está a necessidade de ampliar conhecimentos e experiências profissionais enquanto sujeito dos processos de ensino e aprendizagem em Geografia. O trabalho de campo possibilita uma maior convivência com os alunos, no sentido de troca de experiências e de aproximação nos diálogos que contemplam o relato do dia a dia de cada um. Contribuem para que o professor (re)signifique as metodologias de ensino, assim como, estabeleça parcerias efetivas com os alunos, que respondendo as expectativas, constroem seus significados.

Por outro lado, este tipo de trabalho nos faz pensar sobre a interação no cotidiano escolar, bem como na interdisciplinaridade, que está cada vez mais presente nas interações da Geografia com as demais áreas do conhecimento.

Constantemente existe a preocupação com as metodologias utilizadas pelos professores de Geografia, para analisar a realidade do espaço. A relação entre o imaginário do aluno enquanto o professor explana sobre determinado tema e o que o aluno enxerga quando lhe é mostrado a campo o mesmo tema. Então se iniciam meus questionamentos: Como o aluno entende os ensinamentos explanados? Como ele apreende a partir de seu próprio entendimento e construção de conceitos vividos? A aprendizagem ocorre pela transmissão do conhecimento, pela construção a partir da observação e da análise da realidade? O trabalho de campo é importante para a aprendizagem geográfica? Em função da necessidade de buscar respostas para questionamentos sobre: Como melhor ensinar para então melhor aprender? Como se dá o processo de ensino aprendizagem em Geografia a partir do trabalho de campo? Ele primeiramente é importante, pois coloca o aluno em contato com a realidade dos fenômenos e fatos Geográficos. Mas qual sua real importância para a Geografia? Ele é uma metodologia que possibilita a comprovação das teorias geográficas? Ou representa a essência do método geográfico, que incita o pensamento a construir o conhecimento a partir da vivência sobre os limites e possibilidades encontradas no espaço geográfico? É neste sentido que estas perguntas remeteram a um questionamento da própria prática pedagógica, uma vez que ela pode simplesmente servir para transmitir conhecimentos já prontos e tidos como verdadeiros, ou então, construtores dos



conhecimentos pela observação da realidade, análises e críticas dos eventos na vivência do mundo e articulador de teorias anteriormente produzidas.

Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa visa avaliar os métodos Indutivo e Dedutivo, utilizados na prática de pesquisa sobre o trabalho de campo como fundamento norteador da aprendizagem de Geografia no ensino fundamental.

E como objetivos específicos:

- * Discutir trabalho de campo e sua relação com o conhecimento prático, senso comum, e conhecimento científico sobre o espaço geográfico;

- * Entender, em relação a Geografia científica, os diferentes papéis que o trabalho de campo tem de acordo com os métodos indutivo e dedutivo;

- * Analisar e criticar práticas pedagógicas a partir do trabalho de campo e de experiências de ensino de Geografia em escolas da rede pública da cidade de Júlio de Castilhos, RS.

A hipótese da pesquisa sobre trabalho de campo considera que as transformações que ocorrem no aprendizado decorrem de uma prática de ensino que leve em conta a experiência do espaço vinculada ao vivido do educando. Neste contexto, a própria condição de se já ter ou não estudado o tema abordado em campo, pouco interfere na construção dos conceitos e do conhecimento em si, uma vez que os alunos irão desconstruir o já conhecido para reconstruir o conhecimento de um modo próprio e particular.

Nas concepções gerais sobre trabalho de campo e suas relações com a prática pedagógica e o aprendizado do educando, partimos do pressuposto que uma forma de aprendizado indutivo poderia privilegiar a construção do conhecimento e valorizar o trabalho de campo como metodologia central ao trabalho, e, por outro lado, a forma de aprendizado dedutivo iria privilegiar o saber científico e a ação do professor tornando subjugada as referências e as expressões dos alunos. Este segundo modelo se refere a um trabalho de campo meramente ilustrativo do conhecimento "transmitido" em sala de aula. Nosso intuito é organizar, assim, práticas pedagógicas que coloquem o trabalho de campo em formatos diferenciados no decorrer do processo de aprendizagem de determinado conteúdo e assim avaliar sua importância como metodologia de construção do conhecimento. Se encarmos o trabalho de



campo como metodologia de aprendizagem para construção e desconstrução do conhecimento, sua posição relativa ao processo não interferirá como uma postura construtivista. No entanto sabemos que se o trabalho de campo se compuser como uma prática ilustrativa ele será apenas um recurso que remeterá a transmissão apática do conhecimento teórico.

O Trabalho de Campo no Ensino Escolar

Por ser a Geografia escolar, uma disciplina de suma importância para a formação cidadã, o significado dos conceitos devem ser claros e precisos, principalmente com relação à espacialidade. Mesmo sabendo que a vivência ocorre em determinado espaço, muitas vezes não se analisa o espaço vivido como uma dimensão espacial. Para isso, a geografia se utiliza de certas metodologias que levam o aluno a identificar e compreender o espaço como realidade. Os alunos passam a conhecer o espaço de sua vivência como um espaço aberto a interrelações, onde o social, o econômico e o político se encontram e se entrelaçam com o espaço concreto dando forma ao espaço vivido individual e coletivo.

Uma destas metodologias que a geografia faz uso é o trabalho de campo, que, para alguns autores, pode ser classificada: de acordo com os objetivos traçados; dependendo da visão de ensino pretendida no processo didático; se está de acordo ou não com modelos científicos; e, principalmente, conforme a relação aluno-professor diante da lógica da aprendizagem. Para Compiani e Carneiro *apud* Carvalho e Santos (2009), os trabalhos de campo se classificam da seguinte forma:

- *Ilustrativo*: mais tradicional, mostrando e reforçando os conceitos vistos em sala de aula;
- *Motivador*: desperta o interesse por algum aspecto a ser estudado ou problema a ser apresentado, comum no início do curso;
- *Treinador*: Incita o exercício de instrumentos específicos e a coleta de matérias e medições;
- *Investigativo*: O aluno elabora as hipóteses que serão pesquisadas, cabendo a ele estruturar a sequência de observação e interpretação;



- *Autônomo*: prepara o aluno para a sua realidade profissional, cabendo ao professor uma orientação por meio de discussões e troca de experiências.

A identificação do tema que será abordado, assim como os elementos disponíveis no local, faz toda a diferença no momento da escolha do tipo de trabalho de campo, ou que tipos servem para determinados trabalhos. Em relação ao contexto pedagógico, principalmente na relação professor-corpo discente, e aos objetivos de aprendizagem que se quer chegar, o professor será capaz de identificar que limites e possibilidades ele terá para desenvolver um caminho metodológico que se refere ao tipo de trabalho de campo a ser feito, ou, mais ainda, que relações entre tais tipos podem ser estabelecidas.

Para o trabalho de campo do tipo ilustrativo, como o próprio nome sugere, o trabalho de campo é meramente ilustrativo, objetiva a vivência de um conhecimento pré-adquirido. As aulas teóricas são imprescindíveis, pois os alunos apenas irão vivenciar o que já foi lhes dito, o que já é de conhecimento por meio das leituras da sala de aula e das aulas expositivas. Aqui, o professor apenas vai reforçar o conteúdo que já foi trabalhado, muitas vezes, por meio do livro didático. A atividade principal do aluno será a de observação, como ouvinte e observador da realidade. O aluno não é instigado a conclusões e nem a formulação de conceitos

O trabalho de campo motivador vai aguçar os sentidos do aluno, fazendo com que o mesmo se interesse pelo desconhecido, antes mesmo de ser levado a ele qualquer tipo de informação do estudo em questão. O aluno ouve falar do fato ou do problema e acha que vai ser bom vê-lo e estudá-lo. Muitas vezes o aluno é motivado pela paixão que o próprio professor tem pelo assunto; ou porque tal fato ocorreu há bem pouco tempo e está presente no seu imaginário; ou, até mesmo, porque a viagem a determinado lugar faz a conexão entre o que é percebido e imaginado, com certa carga elevada de valor, com a vivência do contato e da realidade. Enfim, o trabalho de campo é motivador, porque trabalha com os imaginários dos alunos e com os juízos de valores produzidos pelo mundo das imagens, fazendo surgir o interesse de “experenciar” certa realidade.



O trabalho de campo treinador leva o aluno para a coleta de materiais que servirão para análises por amostragem ou que determinem a existência de tais materiais em determinadas localidades. Também é classificado como treinador quando, além da coleta de materiais, se utilizam medições de áreas, de materiais, de rochas, de banhados, de lagos ou outro evento pertinente ao objeto de estudo. Nesse contexto, o trabalho de campo vem como uma porta para as perspectivas de se trabalhar com inúmeros elementos, permitindo a possibilidade do uso da quantificação e da computação em geografia.

Já no trabalho de campo investigativo, o aluno chega mais perto do trabalho científico e não se utiliza apenas dos conhecimentos prévios ou dos conhecimentos do senso comum. O aluno deverá conduzir sua pesquisa permeando-a com outros conhecimentos, não somente o geográfico, mas com o conhecimento biológico, com o químico, o físico, o matemático e assim por diante. É neste tipo de trabalho de campo que a geografia interage com outras áreas afins do conhecimento. Este tipo de trabalho de campo privilegia o aluno que tem como característica a indagação, que problematiza criticamente e questiona de forma incisiva. O professor também é desafiado a agir de forma que o planejamento e a ação sejam feitos de maneira o mais criativo e democrático possível. Os alunos podem opinar e conduzir os objetivos e as ações a serem estabelecidas, porém, cabe ao professor encaminhar coletivamente, um projeto organizacional que balize a atividade de cada um no campo para que a liberdade não produza confusão e, assim, disperse os alunos.

Por último, o trabalho de campo autônomo é o que conduz a pesquisa e o aprendizado pelas próprias escolhas dos alunos. É o trabalho de campo, pelo qual o aluno escolhe áreas afins para se dedicar. As estratégias de ação serão estabelecidas pelo aluno e ele evidenciará durante o processo seus limites e possibilidades de desenvolvimento de cada etapa do trabalho. Este tipo de trabalho merece uma atenção muito especial quando é projetada para a educação básica. Em virtude de problemas relacionados à responsabilidade, à maturidade e à capacidade de dedicação do aluno, torna-se um desafio a ser colocado no nível fundamental da educação básica. No entanto, esse tipo de postura proporciona a construção do conhecimento assim como a valorização



intelectual do aluno. Isto também retoma uma discussão sobre a própria estrutura escolar e o planejamento pedagógico do professor. Neste tipo de trabalho de campo, temos o professor como um grande companheiro, como alguém que incentiva e que dê vazão a necessidade que o aluno tem de efetivar a sua vontade de aprender.

A Geografia deve proporcionar a compreensão das relações espaciais de maneira mais abstrata, de maneira a construir suas próprias formas de pensamento e questionando as organizações espaciais, defendendo pontos de vista próprios e discutindo os assuntos geográficos. Envolve o estudo de um conjunto de paisagem que dão conta da interpretação das ações que fazem parte do mundo. Reconhecimento de um continente relacionando com outro e com o Brasil, identificando as simultaneidades espaciotemporais, para compreender o seu próprio lugar no mundo.

Metodologia

O trabalho de campo se apresenta por um lado, como instrumento de fixação do conhecimento científico e de outro, como construtor do conhecimento, valorizando o conhecimento prático. Também pode ser considerado como uma atividade que leva à crítica da prática pedagógica no sentido da construção do conhecimento. Assim, o trabalho de campo será metodologicamente visto como construtor do conhecimento pela pesquisa em campo, que remete a observação, análise e confronto de teorias com o conhecimento prático e composição de um novo conhecimento.

Dessa forma o educando dedica-se as atividades aprendendo de forma ativa, inclusive nos aspectos das relações interpessoais com os colegas nas atividades em grupo.

O método a ser utilizado para o trabalho de campo deve ser estudado e analisado com antecedência. Apesar de a Geografia se utilizar de muitos métodos, é necessário que o pesquisador faça uma análise do que ele está buscando, para então decidir que método irá utilizar no trabalho de campo proposto. Pois,

A Geografia que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e suas interações possui inúmeras possibilidades teórico-metodológicas e técnicas, configurando um pluralismo metodológico. (BECKER, 2009, p 29).



Para a realização do trabalho de campo buscou-se seguir através de procedimentos com particularidades específicas, uma vez que se tem o interesse de se utilizar meios que nos dêem suporte para a eficácia da implantação concreta deste instrumento metodológico.

Inicialmente foram realizadas leituras de artigos e de autores de Geografia, onde se tratava de métodos práticos e concretos para o ensino-aprendizagem de Geografia e satisfazer os objetivos propostos.

Nesse sentido, partiu-se para uma investigação teórica para então estabelecer conceitos de Educação, de Geografia, de Métodos de Aprendizagem, buscando a importância desses temas no ensino e no espaço, observando os desafios a que a escola está submetida. A partir da análise teórica, podemos conhecer conceitos, fazer comparações e analisar novos recursos didático-pedagógicos para a rede pública de ensino.

Os métodos escolhidos foram o Indutivo e o Dedutivo, pois devido a sua contrariedade, a diferenciação entre um trabalho de campo e outro é evidente, esta evidência dá-se pelas diferentes finalidades expressas nos métodos. O método Indutivo é exatamente o contrário do método Dedutivo, enquanto um amplia os conhecimentos, partindo do particular para o geral, o outro, parte das premissas para explicar o fato.

Para o método Dedutivo, entendemos que os conteúdos que serão vistos em campo, serão primeiramente estudados em sala de aula, para que o aluno já possa organizar suas conclusões a partir dos conteúdos conhecidos teoricamente e que ele parta do todo, do geral para o específico. O aluno vai interpretar suas observações e formular suas próprias conclusões.

Já o método Indutivo se caracteriza pelo contrário, onde se parte de pontos particulares para se chegar ao geral, ao global. Dessa forma, se evidencia a exigência de raciocínio que amplia o alcance do conhecimento. É o método mais utilizado para a coleta de dados, pois é o método que se aproxima mais do objeto de estudo.

Procedimentos metodológicos

Considerando a relação rural X urbano um trabalho contínuo, formamos dois grandes grupos, com alunos de duas séries, 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. Iniciamos o trabalho com um resgate histórico da



construção e transformação do espaço do município de Júlio de Castilhos, através de fotografias, jornais antigos, leitura de livros que contam a história do município e região, estudo do meio através de exploração cartográfica com a utilização de recursos tecnológicos. Para seguirmos o método Dedutivo, as atividades iniciais ocorreram na sala de multimídia e na sala de aula.

O trabalho em equipe, organizado por série favoreceu o processo de ensino e aprendizagem com a socialização do conhecimento entre os alunos e o atendimento da professora aos mesmos. Nas atividades em sala de aula, priorizamos alguns conhecimentos prévios que julgamos necessários para dar andamento ao trabalho e sua articulação com o estudo do meio produtivo rural. Por meio de um painel confeccionado pelos alunos, com fotografias das pessoas de suas famílias e uma pequena árvore genealógica, iniciamos o estudo das migrações, onde foi discutido com os alunos o contexto socioeconômico da colonização do município e as transformações ocorridas na paisagem geográfica e suas implicações.

Também foi trabalhada a cartografia do espaço do município através da interpretação de mapas temáticos, fotografias aéreas, articulando o mapa do município com o mapa do Rio Grande do Sul, com o mapa do Brasil e por último com o mapa mundi. O trabalho de campo se constituiu num dos principais recursos para o reconhecimento e entendimento da diferença dos espaços rural e urbano. Pois, foi no contato direto que os alunos entenderam que esses espaços são dinâmicos e estão sempre suscetíveis a transformações.

Na sala de aula foram definidos os objetivos dos trabalhos de campo, a importância, os roteiros, os materiais necessários para se levar a campo, também tiveram recomendações sobre a responsabilidade e a disciplina para o desempenho do mesmo, a diferença entre aula passeio e trabalho de campo, os elementos a serem observados e qual o procedimento para coletar e registrar os dados buscados.

No momento, o trabalho de campo foi desenvolvido em espaços pré-determinados que pudessem satisfazer aos objetivos propostos, sendo eles: o assentamento Santa Júlia, assentamento organizado e conquistado por meio das lutas do MST, onde os alunos passaram um dia, acompanhando todo o



trabalho dos assentados, área localizada em ambiente rural; a sede do município com visitas ao museu municipal, câmara de vereadores, prefeitura e sede das secretarias municipais que caracterizam a área urbana.

Porém, para se trabalhar o método Indutivo, os alunos fizeram observações de determinadas atividades, onde eles tinham apenas o conhecimento prévio de seu cotidiano. Estas atividades não foram enfocadas em sala de aula e nem trabalhadas com antecedência.

Para finalizar, após a coleta e registro dos dados, ao retornar para a sala de aula e sala de multimídia, os alunos fizeram gráficos e tabelas, painéis, relatórios, enfim concluíram o trabalho de campo e ficaram com o aprendizado de suas próprias conclusões.

No dia 23 de outubro de 2012, saímos por volta das 7:00hs em direção a cidade de Júlio de Castilhos, para desenvolvermos o trabalho de campo no meio urbano, baseado no método Dedutivo.

Pelo fato da escola se localizar num ambiente mais rural que urbano e nossa clientela não ter contato diário com a cidade, ou melhor, ir à cidade não é um hábito de nossos alunos, o que chamou menos atenção foi o trabalho de campo. As visitas feitas a Prefeitura, Museu, Câmara de Vereadores e as Secretarias, não prenderam a atenção dos alunos, pois o que eles tinham que fazer, era apenas constatar a realidade *in locu* em função do que já havia sido trabalhado em sala de aula.

No dia 30 de outubro de 2012, nos reunimos em frente a escola e saímos em excursão por volta das 7:00hs em direção ao Assentamento Santa Júlia. Para este trabalho de campo, nos baseamos no método Indutivo.

Tínhamos preparado um questionário/entrevista semi estruturada para o trabalho de campo. Chegando ao Assentamento, fomos recebidos por uma velha conhecida, com quem mantenho uma relação amigável há mais de cinco anos. Tomamos um farto café da manhã, na companhia dela e do filho, que já foi Frei Franciscano e que voltou para casa para cuidar dos pais idosos e doentes e também, continuar produzindo no lote que é da família. Logo a seguir, saímos distribuindo os alunos nas casas, para que eles passassem grande parte do tempo acompanhando os afazeres das famílias. Próximo da hora do almoço, eles trocaram de casa para dar continuidade ao trabalho de



campo e também para almoçar. Para cada casa, um cardápio variado. Mais tarde, por volta das 15:00hs, houve uma nova troca das casas e famílias e por fim, um pouco mais tarde, nos reunimos novamente na casa de nossa velha e querida amiga, que gentilmente se despediu de nós com um saboroso lanche. Dali, partimos para a saída do Assentamento, onde está instalado o maior produtor de leite do local. Assistimos a ordenha e todo o processo de resfriamento de leite. Também participamos da alimentação dos animais com silagem, sendo que de manhã, em outros produtores, os alunos participaram da colheita do sorgo e do milho, da trituração dos mesmos para compor a silagem. Por se tratar de indução, estive o menos possível junto dos alunos. A intenção é que eles deveriam ser responsáveis por seus trabalhos, que tivessem a autoconfiança estimulada e se sentissem os verdadeiros sujeitos da aprendizagem.

A escolha das pessoas entrevistadas foi aleatória, porém, foram também procuradas, as pessoas que participaram de fatos importantes tanto no assentamento como no próprio MST ao qual são vinculadas e que de uma forma ou de outra, prestaram depoimentos reveladores aos alunos e a mim também. As perguntas da entrevista foram previamente formuladas, mas deixamos espaço para o imprevisto, acreditando que os dois grupos poderiam encontrar questões mais significativas do que as propostas inicialmente.

Para tanto, as turmas seguiram os métodos em conjunto seguindo alguns critérios, tais como: os conteúdos desenvolvidos, o conhecimento prévio que elas apresentam e também, a capacidade de entendimento que será exigida das mesmas.

Com relação às classificações dos tipos de trabalho de campo, foram incorporadas no decorrer das atividades conforme o andamento, as construções e as desconstruções do conhecimento, por parte dos alunos.

Resultados/Considerações Finais

A pluralidade teórica que a educação aponta como características desafiadoras na Geografia envolvem estudos e discussões, que têm possibilitado a quem atua com trabalho de campo a fazer novos questionamentos e também (re) formular antigas questões que não são tão novas, mas que ampliam o debate de maneira instigante e necessária. Assim,



os modos de ler, ver e fazer o mundo que vivemos nas perspectivas dos alunos, nas suas diferenças e semelhanças, a importância de se questionar o quanto e como conhecimentos e práticas educativas estão implicados com a formação do sujeito.

No primeiro trabalho de campo, foi adotado o método dedutivo, que levou os alunos ao meio urbano do município de Júlio de Castilhos. Para a preparação deste trabalho de campo, foram debatidas as questões de poder que envolvem a Prefeitura, a Câmara de Vereadores e os Secretários de Gabinete do município. Além desta relação de poder, foram analisadas as tarefas que cada cargo ocupado deve desempenhar; quais as atribuições de cada um e também no coletivo; o objetivo das reuniões da vereança; a função do COREDE Central, conceitos e definições; os objetos que fazem parte do acervo do Museu Municipal; o porquê de estarem expostos para visitaçã, enfim, foi trabalhado o município durante três aulas, para que, ao se depararem com a realidade, com a prática, tivessem condições de reconhecer e interpretar de forma diferente o que havia sido visto de forma teórica.

Os relatórios apresentados não trouxeram nenhuma novidade com relação ao que já tinha lhes dito anteriormente. Infelizmente não alcancei o objetivo principal que era de, os alunos, sob seus próprios olhares, mostrarem uma cidade no entendimento deles. No momento das entrevistas semi estruturadas, não foram questionadas outras curiosidades, somente as que já estavam previstas. Esperava-se que os alunos fizessem uso do empirismo e que por meio da observação do real, do visível, levasse-os a visualização do espaço, descrevendo através do empírico, levando em conta o sujeito como um elemento complementar da natureza. Afinal, seria natural que eles valorizassem a individualidade do lugar, valorizando a peculiaridade do espaço que estava ao dispor para ser analisado e conseqüentemente descrito, utilizando como principal ferramenta a intuição. Pois se eles entendessem a particularização do lugar, do centro da cidade, deste levantamento eles partiriam para outras esferas, mais amplas e generalizadas.

Diante deste resultado de trabalho de campo e, principalmente, por acreditar que trabalho de campo propicia a construção de conhecimento, propus ao grupo que novamente se dividissem em dois e que trabalharíamos



sob uma nova perspectiva metodológica que seria o método dedutivo. Uma vez aceito o acordo por todos, partimos para as preliminares, que foram duas reuniões para organizar o trabalho de campo e também para redigir um questionário associado a uma entrevista semi estruturada. Por fim, no dia 30 de outubro, por volta das 7:00hs partimos com destino ao Assentamento Santa Júlia, um dos três assentamentos que estão inseridos no município de Júlio de Castilhos.

Aqui, os relatórios apresentam outras características, que deixam evidentes os entendimentos a que eles se propuseram. Sem termos trabalhado os conteúdos com antecedência e também sem a intervenção da professora.

Os dois grupos foram dispersos pelo assentamento e o trabalho de campo evoluiu. Começamos com uma longa conversa com nossa amiga de tempos e seu filho e depois, os alunos seguiram sozinhos nas suas caminhadas, sob o olhar distante da professora. A fenomenologia existencial norteou a análise de um dos grupos: eles trabalharam com diferenciação de espaço e lugar, com a proximidade entre o físico e o afetivo como:

‘A visita no Assentamento Santa Júlia foi uma experiência inesquecível, lá nós vimos coisas incríveis: como e porquê este assentamento é um exemplo, o povo trabalha unido, um ajudando o outro e é assim que os moradores conseguem realizar várias atividades como o plantio da soja e a sobrevivência do gado leiteiro.’
(Alunos da 7ª Série)

Através da percepção visual, se preocuparam com o design e também com a preservação do meio natural, problemas ecológicos; também usaram da observação, da descrição subjetiva para analisar a essência de cada lugar:

“Este assentamento com certeza é um dos mais organizados do Rio Grande do Sul. O povo é muito educado sempre nos ensinando várias coisas que nem eu sabia. A maior fonte de renda do assentamento Santa Júlia é a produção do leite que são tirados mais de 350 mil litros de leite por mês. Depois do leite, a soja também tem grande força no assentamento.” (Aluno da 7ª Série)

Outra importante questão analisada foi a valorização do conhecimento empírico na construção da ideia e da concepção de cada indivíduo, especialmente quando eles dizem:



“Na visita para o Assentamento nós aprendemos várias coisas, mudamos o pensamento sobre os assentados, que eles realmente trabalham muito para conseguir o que tem.” (Alunos da 7ª Série)

Pelo fato de a fenomenologia descrever o fato, o fenômeno a partir da percepção e da experiência da vivência do sujeito com o fenômeno, sem se preocupar com a análise ou com a solução, em outro relatório, as conclusões são formuladas de forma quantitativa, fazendo uso de técnicas quantitativas para analisar a essência do lugar, porém sem formular comparações, respondendo com eficiência ao questionário:

“Em média eram de 3 a 4 pessoas por casa, mulheres e homens na maioria todos eram agricultores. A economia baseia-se na planta de soja e milho, o milho na maioria das vezes era usado para fazer silagem para as vacas, além disso a produção de leite é muito intensa. A maioria das famílias que criam gado leiteiro ordenham acima de 3 mil litros por mês. Além do gado leiteiro muitas pessoas criam gado de corte, galinha e porcos. O litro do leite em média é de R\$ 0,78. O Kg da carne de gado é de 7,00 reais, no caso da venda de ovos é em média de 2,00 reais a dúzia. Na produção frutífera eles plantam pêssigo, uva e ameixa e na produção de hortaliça é apenas para o consumo próprio. Todas as famílias trabalham direto o ano inteiro e até mesmo nos feriados por causa da agropecuária. A religião que predomina é a Católica. O antigo proprietário era um português que ninguém conhece, lá no assentamento dizem que ele só passou uma vez lá e foi de avião mas não desceu lá na antiga fazenda. Alguns falaram sobre a luta pela posse do assentamento, que: **“foi muito sofrida, muitas caminhadas, muito desgaste, durou quase 2 anos, se for preciso fizemo tudo de novo.”** Fala de um assentado.” (Trechos do relatório da 6ª Série)

Referências

BECKER, Bertha K. **Manual do candidato: Geografia**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

COMPIANI, M. & CARNEIRO, C. D. R. *in* CARVALHO, B. C., SANTOS, A. H. B. e OLIVEIRA, D. Trabalho de Campo como recurso didático no ensino de Geografia Física. **Anais**. XV ENG: São Paulo, 2008.